

# ***Maria Cheia de Graça: um olhar sobre a saúde da mulher trabalhadora migrante***

*Maria Full of Grace: an overlook on the health of migrant working women*

*María Llena de Gracia: un análisis de la salud de la mujer trabajadora migrante*

Regina Silva Futino<sup>1</sup>  
Gabriela Sorgatto do Amaral<sup>2</sup>

**RESUMO:** As mudanças demográficas, o desemprego, as crises internacionais, a necessidade do aumento da renda familiar, entre tantas necessidades particulares, levam os indivíduos a se arriscarem em busca de melhores condições de vida e de trabalho em outro país. Os movimentos migratórios clandestinos, por vezes resultados de circunstâncias sociais graves, culminam por potencializar a vulnerabilidade social do migrante e, no caso da mulher, reforça a desigualdade para papéis de gênero. Nesse contexto, os empregos focados no trabalho informal e precário, principalmente nas tarefas domésticas e do cuidado, os horários e condições de trabalho inadequadas, o acesso desigual a recursos materiais e a documentação necessária para garantia dos seus direitos determinam uma cruel exploração dessa população. Neste sentido, evidencia-se a necessidade de um estudo sobre as populações migrantes e seus riscos profissionais a fim de fortalecer as políticas públicas de atenção a esse grupo, em especial para mulheres. Este trabalho pretende estudar a saúde da trabalhadora em situação de migração traçando paralelos entre a teoria, com base na revisão de literatura, e a vida real enfrentada por essas mulheres, como na trajetória fictícia representada pela jovem Maria no filme “Maria Cheia de Graça”.

**Palavras-chave:** Análise de Gênero; Mulheres; Emigração e Imigração; Saúde do Trabalhador.

**ABSTRACT:** Demographic changes, unemployment, international crisis, the need to increase household income, among so many particular needs, lead individuals to take risks in search of better living and working conditions in another country. Clandestine migratory movements, sometimes resulting from serious social circumstances, culminate in enhancing the migrant’s social vulnerability and, in the case of women, reinforces inequality for gender roles. In this context, jobs focused on informal and precarious work, especially on domestic tasks and homecare, inadequate

<sup>1</sup> Psicóloga, Especialista em Gestão e Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília; Pesquisadora e Professora voluntária do Laboratório de Saúde do trabalhador e Saúde Indígena do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, email: [reginafutino@gmail.com](mailto:reginafutino@gmail.com).

<sup>2</sup> Enfermeira especialista em Estratégia Saúde da Família e Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília, e-mail: [enfabisorgatto@gmail.com](mailto:enfabisorgatto@gmail.com).

working hours and conditions, unequal access to material resources and the documentation required to guarantee their rights lead to cruel exploitation of this population. This reality clearly shows the necessity of a study on migrant populations and their professional risks in order to strengthen public policies to support this group, specially immigrant and emigrant women. This article intends to study the health situation of migrant working women by tracing parallels between theory, based on literature review, and the reality of these women, as in the fictitious trajectory of the young migrant Maria in the motion picture “Maria Full of Grace”.

**Keywords:** Gender Analysis; Women; Emigration and Immigration; Worker’s Health.

**RESUMEN:** Los cambios demográficos, el desempleo, las crisis internacionales, la necesidad del aumento de la renta familiar, entre tantas necesidades particulares, llevan a los individuos a arriesgarse en busca de mejores condiciones de vida y de trabajo en otro país. Los movimientos migratorios clandestinos, a veces resultados de circunstancias sociales graves, culminan por potenciar la vulnerabilidad social del migrante y, en el caso de la mujer, refuerza la desigualdad para papeles de género. En este contexto, los empleos enfocados en el trabajo informal y precario, principalmente en las tareas domésticas y del cuidado, los horarios y condiciones de trabajo inadecuadas, el acceso desigual a recursos materiales y la documentación necesaria para garantizar sus derechos determinan una cruel explotación de esa población. En este sentido, se evidencia la necesidad de un estudio sobre las poblaciones migrantes y sus riesgos profesionales a fin de fortalecer las políticas públicas de atención a este grupo, en especial para las mujeres. Este trabajo pretende estudiar la salud de la trabajadora migrante estableciendo paralelos mientras la teoría, con base en la revisión de literatura, y la vida real enfrentada por esas mujeres, como en la historia ficticia de la joven migrante María en la película “María Llena de Gracia”.

**Palabras clave:** Análisis de Género; Mujeres; Emigración e Inmigración; Salud Laboral.

## INTRODUÇÃO

Em momentos de crise global devido à diminuição dos postos de trabalho e pela recessão dos mercados, vemos um cenário marcado pela xenofobia como resposta ao aumento da imigração por fuga de guerras e de dificuldades financeiras. A migração internacional tornou-se um tema manifesto nas diferentes formas de discussão: na produção científica, nas proposições e discussões sobre políticas públicas nacionais e internacionais e nas comunicações da mídia e da ficção – filmes e novelas populares. Nos últimos trinta anos, tais deslocamentos triplicaram: em 1975, 77 milhões; em 1999, 120 milhões; nos anos iniciais de 2000, 150 milhões; e, em dados de 2015, aproximadamente 244 milhões de pessoas no mundo migram para outro território<sup>1,2</sup>. Dados de 2015 da Organização das Nações Unidas (ONU) apontam que destes 244 milhões de migrantes, 58% migraram para regiões desenvolvidas, enquanto as regiões em desenvolvimento acolheram 42% de migrantes do mundo. Nos países ao norte do globo, dos 140 milhões de seus migrantes em 2015, 85 milhões (61%) são provenientes de países em desenvolvimento. Tendo a mesma base de dados em análise, ainda em 2015, as mulheres constituíam 48% dos migrantes internacionais em todo o mundo, sendo que no norte do globo (Europa e América do Norte), elas constituem 51,9% de todos os migrantes do período, enquanto no Sul representaram 43,3%<sup>3</sup>.

No Brasil, segundo dados de 2015, o país abriga 1.847.274 migrantes regulares, segundo estatísticas do Departamento de Polícia Federal (DPF) do Ministério da Justiça (MJ). Nos dados

do Relatório Anual de 2016 do Observatório das Migrações Internacionais<sup>4</sup>, esse total engloba somente 0,9% da população brasileira. No entanto, a Polícia Federal aponta que o registro de imigrantes aumentou em 160% em dez anos no país. Segundo Ipea<sup>5</sup>, o perfil dos migrantes no Brasil se caracteriza predominantemente pela presença masculina, mas com crescente presença de mulheres; possui faixa etária entre 18 a 40 anos; com maioria dos migrantes de países africanos e latinos (América do Sul e Caribe). As motivações apresentadas para a migração são variadas, entre elas solicitações de refúgio, migrantes econômicos, imigrantes por questões humanitárias, deslocados ambientais, estudantes e pessoas sem documentos, que estão distribuídos em todas as regiões do país e apresentando diferentes grupos considerados vulneráveis: mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, vítimas de crises humanitárias, minorias étnicas, minorias culturais, minorias religiosas, minoria LGBT, indígenas, enfermos e pessoas em situação de rua.

Tais grupos migrantes procuram o país em busca de melhores condições de vida e trabalho<sup>4,5</sup> ou como um estágio intermediário para migração para outros países em desenvolvimento, no caso, Estados Unidos da América e Europa<sup>6</sup>. Quando se trata de trabalho do migrante, dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) corroboram que, entre 2010 a 2015, o número de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro aumentou 131%. Apesar de expressivo, o estudo da Rais aponta que esses imigrantes correspondem a aproximadamente 0,5% da força de trabalho no Brasil<sup>4</sup>. Desse número, os especialistas afirmam que existe uma tendência de crescimento, uma vez que se salientam as dificuldades econômicas em países em desenvolvimentos, o fortalecimento do Brasil em termos de expansão de suas multinacionais, entre outros motivos<sup>4,5</sup>.

Vale contrapor que, ao mesmo tempo em que o fluxo migratório aumenta e a inserção desses trabalhadores é notada, estudos como o do Ipea<sup>5</sup> destacam a vulnerabilidade dos imigrantes e a dificuldade do acesso aos serviços públicos essenciais e ao trabalho formal. Corroborando com esse dado, em pesquisa realizada com as mulheres migrantes, Dutra<sup>7</sup> aponta que 79% da totalidade declaram estar trabalhando, entretanto apenas 29% se encontram em situação regular no país. Nesse sentido, com o objetivo de analisar a questão da mulher migrante, sua representação como força de trabalho e sua relação com os impactos da globalização no mundo do trabalho, a revisão dessas teorias será alicerçada na análise compreensiva do filme “Maria Cheia de Graça”<sup>8</sup> (*Maria full of grace*, 2004, Colômbia/EUA, drama, 1h41min), de Joshua Marston, contrapondo proposições teóricas do campo de saúde do trabalhador em saúde coletiva com as narrativas apresentadas no decorrer do filme. As unidades de análise consistem na perspectiva da mulher trabalhadora em contexto fabril, bem como na relação dos trabalhadores de países em desenvolvimento com a globalização. Os aspectos sociais são analisados enquanto interface da dimensão simbólica do sujeito em vulnerabilidade socioeconômica.

## **METODOLOGIA**

O estudo exploratório e descritivo foi motivado como exercício reflexivo da disciplina Saúde do Trabalhador, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, Brasil, ministrada no segundo semestre de 2017. Como proposta de aprendizagem de conteúdos sobre saúde do trabalhador e direitos humanos, a disciplina promoveu a assimilação dos símbolos e do conteúdo do filme “Maria Cheia de Graça”<sup>8</sup> como catalisador de questões sobre migração, trabalho, saúde, mulher.

Com base na leitura social do trabalho, este estudo busca dar luz às redes de significados sociais relacionados aos diferentes grupos e indivíduos envolvidos na narrativa do filme. Para tanto, a análise seguiu as seguintes etapas: 1) leitura e pesquisa bibliográfica sobre o tema saúde do trabalhador, migração e gênero; 2) observação e estruturação de resumo do filme; 3) identificação de temas e discussão entre alunos e professoras da disciplina motivadora; 4) classificação e descrição de cenas como subsidio de análises a partir de referencial teórico escolhido.

### **Filmografia**

“Maria Cheia de Graça”<sup>8</sup> é uma coprodução colombiana e estadunidense, dirigida e roteirizado por Joshua Marston. Traz em seu elenco Catalina Sandino Moreno (María Álvarez), Yenny Paola Vega (Blanca), Guilied Lopez (Lucy Díaz), Patricia Era (Carla), entre outras. O filme de 2004, que teve destaque em premiações internacionais de cinema como o Festival de Berlim (2005), sai do eixo de histórias de tráfico e de crimes relacionados a drogas ao protagonizar uma migrante em busca de estabilidade financeira e laboral. Conta a história de uma jovem colombiana grávida que perde o emprego e, sem perspectivas de estabilidade financeira, aceita a proposta de ir aos Estados Unidos da América como “mula” de drogas (indivíduo que leva em seu próprio corpo pacotes de entorpecentes)<sup>8</sup>. É uma atividade arriscada, do ponto de vista legal e da segurança do indivíduo: pois o pacote de drogas pode se romper e estourar dentro do organismo o matando por intoxicação e overdose.

A narrativa, com características quase documentais, traz com precisão o processo de migração ilegal de mulheres latino-americanas associado ao transporte de substâncias ilegais (perfil, cooptação para o tráfico, preparo das drogas, trajeto, dificuldades e possibilidade de morte) em dualidades entre a Colômbia e os Estados Unidos da América. No primeiro momento, uma trabalhadora periférica colombiana que faz a ponte de ligação entre a produção (de rosas e de drogas) para o mercado destino; e, no segundo arco da história, a protagonista troca o trabalho repetitivo e precário por um marginal, mas que possibilita seu sustento, do filho e da família distante. É um filme que discute o sonho americano na visão de migrantes cerceados de escrúpulos diante da necessidade e da desesperança, como também traz a visão do trabalho feminino em contexto de precarização e de obstáculos (restrições em função do gênero, gravidez e desigualdade de atribuições e de salários).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A narrativa da migração e do trabalho no microcosmo de uma adolescente colombiana**

Assim como a migração interfere no contexto do trabalho e das relações na sociedade, acrescenta ao imaginário histórias e narrativas que podem ser registradas em filmes, contos e novelas para televisão. É por meio das narrativas de filmes que a realidade pode ser traçada como um tecido, trazendo consigo histórias com discursos e conteúdos influenciados por uma realidade local ou global, histórica ou atual. Nessa perspectiva, esses registros de imagens e sons são produtos de um trabalho realizado por pessoas, que pode ser influenciado por suas ideologias, sua forma de apreender e compreender o mundo, o contexto do trabalho, a vivência em sociedade e suas relações entre indivíduos. Dessa forma, tal registro não é imparcial, traz consigo uma narrativa repleta de conteúdo político e ideológico como forma de ilustrar, denunciar e explicitar fatos e eventos para os

demais participantes diretos e indiretos dessa realidade. Assim como destaca Slavoj Žižek, filósofo e sociólogo esloveno, no documentário “O guia pervertido da ideologia”<sup>9</sup>: toda imagem traz consigo uma ideologia, uma carga política, que podemos entrar em contato e até compartilhar sem ter percebido o real discurso que o traz<sup>9</sup>. A imagem apresenta e promove desejos e reações, conscientes e inconscientes, que facilitam e incitam no expectador uma formação de aprendizado fundamentado na reflexão das práticas e dos contextos que os cerca, direta e indiretamente, ganhando sentido por estar relacionada à realidade dele, como pessoa, como coletivo e como trabalhador.

A partir dessa orientação, parte-se para leitura do contexto do trabalho e dos efeitos da globalização do filme “Maria Cheia de Graça”<sup>8</sup>, onde é possível vivenciar as especificidades do microcosmo de uma jovem colombiana, sua relação com o trabalho e sua inserção ao mundo, além de sua comunidade e realidade como migrante. O filme conta a história Maria Alvarez, uma jovem adolescente de 17 anos que vive nos arredores de Bogotá, Colômbia. Logo no início, Maria e sua amiga Blanca são apresentadas num contexto de trabalho repetitivo e rígido da exploração e manejo de rosas em ambiente fabril. A floricultura é uma atividade estratégica para a Colômbia, destacando o país como o segundo produtor e exportador mundial de flores e o primeiro provedor do produto para o Estados Unidos da América, que recebe aproximadamente 74% da produção de flores colombianas<sup>10</sup>.

Ao mesmo tempo que a produção de flores trouxe benefícios econômicos, foi alvo de denúncias por organismos internacionais, como o Observatório de Multinacionais na América Latina<sup>11</sup>, quanto aos impactos econômicos (interferência na produção local e fraudes), políticos (déficit democrático e *lobby* predatório), ambiental (contaminação da água e prejuízo aos trabalhadores pelo contato de venenos) e social (condições laborais, direitos sindicais e desigualdades de gênero). Em específico, os efeitos ambientais e sociais: cargas horárias excessivas, problemas ergonômicos, lesões e cortes, exposição a pesticidas que podem causar náuseas e abortos – muitos deles proibidos no Estados Unidos, seu principal comprador<sup>10,11,12,13</sup>. Esse modo de trabalho é logo percebido nas cenas da fábrica, onde Maria apresenta suas mãos lesionadas pela ação de manusear flores arrancando espinhos. Além disso, as cenas trazem uma sequência de atividades repetitivas e padronizadas, marcadas pelo controle supervisionado para manutenção da produtividade e de cumprimento de metas, tais como as influenciadas pelo modo de produção taylorista<sup>14</sup>.

Apesar de apresentar atividades braçais e físicas, no decorrer da cena é percebido a separação de atividades na fábrica por gênero, o que remete ao modelo de divisão de sexual do trabalho – as mulheres trabalham como o manejo das delicadas rosas em pequenas unidades e os homens com o carregamento cargas pesadas e outras atividades braçais ligadas à força física. A característica feminina no manejo de flores foi abordada por Gonzalez<sup>11</sup>, que afirma uma presença majoritária de mulheres na indústria de flores e descreve o discurso patronal como uma preferência que está “*relacionada con determinadas cualidades consideradas femeninas como el cuidado, la delicadeza, la destreza o la paciencia, que permiten un trabajo mejor realizado*”. Nesse confronto das condições de trabalho (e das metas extenuantes supervisionadas pela chefia), agravado por uma indisposição, Maria pede demissão e também descobre que está grávida.

Essa divisão sexual do trabalho não é percebida somente no contexto fabril. Por influência de conceitos biológicos e relacionais arraigados na sociedade, as atividades destinadas a mulheres estão ligadas à esfera privada do lar, à função reprodutiva e a trabalhos que exigem delicadeza



e cuidado com o outro e aos detalhes. Para os homens, foram reservadas atividades produtivas e competitivas, ligadas à força e ao vigor, de maior visibilidade social. Nessa perpetuação de papéis, concebe-se a divisão sexual do trabalho, que consiste na divisão de atribuições, tarefas e percepção social para homens e mulheres em decorrência das relações sociais do sexo e ainda repercute nas funções exercidas pelas mulheres associada ao cuidado, no modo de inserção no mercado de trabalho e na valorização e reconhecimento social da atividade feminina<sup>7,15-17</sup>.

Para além das tarefas domésticas e artesanais, as mulheres foram absorvidas pelo trabalho em contexto industrial, desde a Revolução Industrial do século XIX, sendo incorporadas sob “condições desumanas, tendo em vista a intensificação do trabalho, a extensa jornada de trabalho e o rebaixamento salarial, para atender aos imperativos do acelerado processo de acumulação”<sup>18</sup>. O trabalho feminino acompanhou as mudanças no mundo do trabalho, do fabril a especialização das carreiras. Entretanto, ainda há discussões e percepções que, como afirma Guiraldelli<sup>18</sup>, remetem ao estigma de profissões com características femininas e outras, masculinas, baseadas em atributos físicos, sociais e históricos:

A divisão do trabalho na fábrica se dá de tal forma que quem efetivamente trabalha com as novas tecnologias são os homens; o trabalho das mulheres é absolutamente manual, de montagem, e elas não têm acesso à tecnologia. O produto de seu trabalho é de alta tecnologia, mas o seu trabalho não<sup>19</sup>.

Mesmo com a modernização e inserção de novas tecnologias no ambiente fabril, existem muitas lacunas de gênero que precisam ser generalizadas de forma a criar mais oportunidades para as mulheres, como preconizado no Relatório do *World Economic Forum: The Industry Gender Gap - Women and Work in the Fourth Industrial Revolution* de 2016. O relatório aponta que a resistência da incorporação de mulheres depende do perfil da fábrica, além de aspectos culturais, econômicos e sociais, tais como: a percepção de que as mulheres são menos comprometidas com suas carreiras, dificuldades de conciliar o trabalho com a maternidade, a ambição feminina como tabu e do desenho de atividades que favorecem aos homens. Sobre a maternidade, ainda recai sobre a mãe trabalhadora a ameaça do desemprego<sup>20</sup>. O estudo de Bianconi<sup>21</sup>, alerta sobre as crescentes violações à legislação por causa da precarização e de desligamentos de trabalhadoras após a maternidade. Só para ilustrar, a autora enumera que, em dezembro de 2014, eram mais de 21 mil casos registrados nas varas de trabalho no Brasil com o assunto “reintegração, readmissão ou indenização de gestante” à espera de uma sentença. Em 2015, sobe para quase 25 mil casos em espera de sentença. Em 2016, cerca de 20 mil processos em aguardo.

Em “Maria Cheia de Graça”<sup>8</sup>, a protagonista é a principal fonte financeira de sua família (avô, mãe, irmã e sobrinho) e se vê responsável perante mais uma vida, sem o apoio do pai ou outra figura masculina, seu companheiro também se encontra em dificuldades de estabilidade financeira e produtiva. Os estudos de Gonzalez<sup>11</sup> corroboram com essa narrativa, a centralidade de mulheres na manutenção doméstica, trazendo para a realidade a maioria das mulheres contratadas pelas fábricas de flores como responsáveis financeiras da família e que se submetem à exploração salarial por causa dessas dificuldades.

Nesse contexto, de um futuro humilde e sem expectativas, Maria se depara com uma proposta de ganho de dinheiro rápido e de mudança de vida, mas para isso teria que transportar substâncias

ilícitas para Nova Iorque, Estados Unidos da América, em seu próprio corpo. Ela aceita a proposta e empreende uma jornada que lhe pode custar a própria vida, pois a droga é empacotada em envoltórios de látex que devem ser engolidos e transportados no trato digestivo até o destino final. Trata-se de uma ação ilegal, sujeita a controle de grupos de interesse que percebem indivíduos apenas como um meio de transporte e não como seres humanos. A personagem principal recebe do traficante sua passagem, passaporte e dinheiro passar alguns dias no exterior, além do que receberia pelo transporte. Assim, Maria, acompanhada por colegas “mulas” (Blanca e Lucy) na mesma condição, chega ao aeroporto, mas é abordada pelos policiais, que a interrogam exaustivamente. Os agentes de migração não aceitam sua história, e a encaminham para realizar exames de imagem (RX), mas que devido a sua gravidez é contraindicado, e ela tem que ser liberada, pois não havia como provar sua relação com o tráfico.

### ***Maria Cheia de Graça e o mundo além das rosas colombianas***

Em “Maria Cheia de Graça”, vemos a reflexão do esgotamento da atividade produtiva de contextos periféricos: pela situação socioeconômica, pela desqualificação técnica de seus indivíduos para trabalhos mais complexos e modernos e pela idealização das oportunidades que os grandes mercados podem proporcionar. No exemplo da Maria e da cidade produtora de rosas, o trabalho simples de manejo das flores era a principal base econômica e produtiva local, o que leva a crer nas poucas perspectivas de mudança e desenvolvimento econômico, social, político e de perspectivas de sua comunidade. Diante dessas dificuldades, o filme nos leva à empatia por uma jovem que decide migrar em busca de algo promissor, mesmo em condições de perigo e ilegalidade. Sobre as especificidades da migração feminina, Dutra descreve:

Trabalho, desemprego, condições de precariedade, falta de reconhecimento, necessidade de capacitação, discriminação distributiva, segregação ocupacional, vulnerabilidade, são algumas das vivências que caracterizam a situação de mulheres de determinadas origens sociais em todas partes do mundo e que, para algumas, representam o motor que as impulsiona a embarcar no projeto de migração internacional<sup>7</sup>.

No caso de “Maria Cheia de Graça”, a migrante colombiana encontrou o submundo das drogas como facilitador e receptor nos Estados Unidos, mas também encontrou o apoio de uma rede de latinos migrantes que deram abrigo, alimento e indicação para trabalhos. Como Maria não fala a língua local, o inglês, depende dessas relações para se inserir nos Estados Unidos. Nesse momento da história, a narrativa traz a questão da precariedade desses trabalhadores migrantes, seja nas oportunidades braçais e de baixo valor de mercado, seja no modelo de acesso a serviços de saúde e de cunho social – Maria precisou ir a uma unidade de saúde social para acompanhar a sua gestação.

Nesse arco da história, Maria encontra nos Estados Unidos diferentes perfis de migrantes, com destaque para Carla, também colombiana, mas que já se estabeleceu no local (moradia, relações sociais, domínio da língua), que busca superar a saudades de sua terra natal e da família por acreditar que vive em melhores condições nos Estados Unidos e que pode dar um lugar melhor para seu filho crescer. Carla é irmã de Lucy, companheira de Maria, que também trazia drogas em seu corpo, mas por causa do vazamento do entorpecente no organismo veio a falecer.

Nesse exemplo das irmãs, a narrativa contrapõe os que conseguem migrar e encontrar condições de prosperar, como a Carla, como também aqueles que sucumbem aos efeitos da violência do contexto da migração internacional – tráfico de drogas, tráfico de pessoas e exploração sexual, como a Lucy.

Para além do filme, a migração feminina é motivada por decisões familiares, desemprego, aliciamento e cooptação para exploração sexual e trabalho escravo e empreendedorismo<sup>7,22-26</sup>. Por outro lado, vale salientar que as relações de gênero foram pouco trabalhadas nas produções de migração, tratando a mulher como a aquela que acompanha o marido que migra para trabalhar. Entretanto, o número de mulheres e meninas migrantes hoje é cerca de metade dos 214 milhões, segundo os estudos do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), como descreve Deen<sup>27</sup>, e as mudanças de características, como independência e autonomia feminina, função provedora financeira de si e da família, trouxe à tona a produção de pesquisas da migração feminina – a feminização da migração<sup>28,29</sup>.

Segundo Peres e Baeninger<sup>28</sup>, incorporar os diferenciais de sexo e gênero nos estudos de migração proporciona a compreensão da migração da mulher como trabalhadora e pertencente a um contexto social que interfere e muda em relação com essa migrante. As autoras também apontam que a aproximação da realidade dessas mulheres trouxe aos estudos informações antes ausentes nos estudos de migração, como as motivações de migrar, a inserção na região destino, uso das redes sociais. Castro<sup>30</sup> ressalta que a experiência de migração feminina e masculina são diferentes, já que as transformações podem ser vivenciadas de forma distinta, como sua relação com o contexto social, família e domicílio. Soma-se à condição da mulher migrante, todas as características que assolam o mundo do trabalho, como a precarização, o desemprego e os efeitos da divisão sexual do trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: MIGRANTE MULHER, DA SAÚDE MATERNA À SAÚDE MENTAL E FÍSICA NO TRABALHO**

O estudo da narrativa de “Maria Cheia de Graça” a partir de conceitos de trabalho, migração e gênero elucidou como a transferência da valorização da força de trabalho para mercantilização do corpo como mercadoria do capital. A narrativa se deu por meio de diminuição do valor do trabalho na cadeia produtiva, condicionado ao cumprimento de metas acima de necessidades físicas do trabalhador e do uso de indivíduos como meio de transporte para substâncias ilícitas. Nesse contexto, o trabalhador e a personagem principal do filme se veem sem perspectivas de futuro e precisam alçar de estratégias para sua sobrevivência, desde trabalhados tampões, como bicos, até a migração para lugares e países mais prósperos.

O filme também ressalta o olhar da mulher como trabalhadora, como mãe e como indivíduo, em uma sociedade marcada por desigualdade e desemprego. É um grupo com grande potencial de contribuição social-econômica, inclusive as migrantes<sup>3</sup>, que levam consigo sua história de vida, sua força de trabalho, sua qualificação profissional e outras possíveis contribuições ao ecossistema laboral<sup>7,22-26</sup>. Tal quadro sugere a necessidade do aprofundamento de estudos sobre a mulher para além da maternidade, mas também como trabalhadora e propensa aos efeitos da migração na sua saúde física e mental.



Ressalta-se, nessa perspectiva, a importância de realização de estudos sobre as repercussões na saúde e no trabalho com vistas a dar subsídios a possíveis respostas no campo das políticas públicas. Tal como no filme, a mulher desempenha papéis para além da maternidade e requer seu lugar na cadeia produtiva. Como migrante, depara-se com uma configuração intersectorial de diferentes saberes, formas de gestão e responsabilidades que precisam de articulação sinérgica para minimização de impactos para garantir cidadania e integralidade na saúde.

## REFERÊNCIAS

1. Wenden, CW. As novas migrações: Por que mais pessoas do que nunca estão em circulação e para onde elas estão indo? SUR 23. 2016;13(23):17-28. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/1-sur-23-portugues-catherine-wihtol-de-wenden.pdf>
2. Ferracini, K. Fluxos Migratórios, Território, Institucionalidades – Contornos de um Debate na Cidade de São Paulo. In: XVII ENANPUR, novembro, 2017, São Paulo, Brasil. São Paulo: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Disponível em [http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%202/ST%202.9/ST%202.9-02.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%202/ST%202.9/ST%202.9-02.pdf)
3. Organização das Nações Unidas (ONU). Migrantes internacionais aumentaram 41% em 15 anos, atingindo os 244 milhões. United Nations Regional Information Centre (UNRIC); 12 jan. 2016. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/32134-migrantes-internacionais-aumentaram-41-em-15-anos-atingindo-os-244-milhoes>
4. Cavalcanti L, Oliveira T, Araujo D. A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra; 2016.
5. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Série Pensando o Direito. Brasília. 2015;57.
6. Fioravanti C. As raízes da resistência. Pesquisa FAPESP; out. 2015. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/10/13/as-raizes-da-resistencia/>
7. Dutra D. Mulheres, Migrantes, Trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. 2013;21(40):177-193. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n40/11.pdf>.
8. Maria Cheia de Graça [filme]. Direção: Joshua Marston. Colômbia/Estados Unidos da América: HBO; 2004.
9. O guia pervertido do cinema [documentário]. Direção: Sophie Fiennes. Reino Unido/Áustria/Holanda; 2006.

10. Castro N. Las flores: sector estratégico para la economía colombiana [Reportagem] 25 maio 2015. Disponível em <https://www.esglobal.org/las-flores-sector-estrategico-para-la-economia-colombiana/>
11. Gonzalez, E. Las mujeres en la industria colombiana de las flores. Informe OMAIL. 2014;11:11-17. Disponível em [http://omal.info/IMG/pdf/2014\\_informe\\_omal\\_no\\_11.pdf](http://omal.info/IMG/pdf/2014_informe_omal_no_11.pdf)
12. Inspiration. Las espinas del negocio de las flores [Reportagem] 13 fev. 2012. Disponível em <https://www.inspiration.org/Actualidad/Noticias/las-espinas-del-negocio-de-las-flores>
13. International Centre for Trade and Sustainable Development (ICTSD). Las mujeres en la industria florícola de Colombia [Reportagem]. 18 jun. 2012. Disponível em <http://www.ictsd.org/bridges-news/puentes/news/las-mujeres-en-la-industria-flor%C3%ADcola-de-colombia>
14. Antunes R. Fordismo, Taylorismo e Especialização Flexível. In: Antunes, R. Adeus ao Trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 1995: 15-70.
15. Stancki N. Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução. In: I Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia; 2003, PUC-SP. Disponível em [https://www.pucsp.br/sites/default/files/img/eitt2003\\_nancistancki.pdf](https://www.pucsp.br/sites/default/files/img/eitt2003_nancistancki.pdf)
16. Neves MA. Anotações sobre trabalho e gênero. Cadernos de Pesquisa [online]. São Paulo. 2013;43(149):404-21. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/cp/v43n149/03.pdf>
17. Sousa LP, Guedes DR. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. Estudos Avançados [online]. 2016;30(87):123-39. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>
18. Guiraldelli R. Presença feminina no Mundo do Trabalho: História e Atualidade. Revista da RET [online]. 2007;1:1-15. Disponível em [http://www.estudosdotrabalho.org/Guiraldelli\\_RET01.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/Guiraldelli_RET01.pdf)
19. Leite MP, Guimaraes PC. Tudo muda, nada muda: as implicações do uso das tecnologias de informação sobre o trabalho das mulheres no setor eletroeletrônico. Cadernos Pagu [online]. 2015;44:333-66. Disponível em <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637377/5086>
20. World Economic Forum. The Industry Gender Gap – Women and Work in the Fourth Industrial Revolution [Executive Summary]; 2016. Disponível em [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_FOJ\\_Executive\\_Summary\\_GenderGap.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_FOJ_Executive_Summary_GenderGap.pdf)
21. Bianconi G. Demissões levam mães a mudarem rota da carreira ou encararem a Justiça. [Reportagem] 30 mai 2017. Disponível em <http://www.generonumero.media/demissoes-levam-maes-mudarem-rota-da-carreira-ou-encararem-justica/>

22. Cavalcanti L. O protagonismo empresarial imigrante a partir de uma perspectiva de gênero: o caso das brasileiras nas cidades de Madri e Barcelona. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7; 2006. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina. Disponível em [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st\\_55.html](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_55.html)
23. Raizel DR. A imigração feminina e os efeitos na divisão sexual do trabalho. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8; 25 a 28 de agosto de 2006. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina. Disponível em [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST65/Denise\\_Rogenski\\_Raizel\\_65.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST65/Denise_Rogenski_Raizel_65.pdf)
24. Dutra D. Marcas de uma origem e uma profissão: trabalhadoras domésticas peruanas em Brasília. Caderno CRH, Salvador. 2015;28(73):181-97.
25. Peres RG, Baeninger RA. Mulheres latino-americanas e haitianas em São Paulo: perfil na imigração internacional. In: VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais; 2016. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. Disponível em <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/2681/2587>
26. Alles NL, Cogo D. Mídia e migração feminina (in) distinções entre trabalho sexual e tráfico de pessoas. Cadernos OBMIGRA - Revista Migrações Internacionais. 2018;2(2):1-17. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra/article/view/25526>
27. Deen T. Há cada vez mais mulheres migrantes no mundo [Reportagem] 2 maio 2017. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/2013/05/02/ha-cada-vez-mais-mulheres-migrantes-no-mundo/>
28. Peres RG, Baeninger R. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 23. Águas de Lindóia/SP, de 19 a 23 de novembro de 2012. Disponível em <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1982/1940>
29. Brasil E, Araujo D. Abertura para questões de gênero e sexualidade em contexto migratório. Cadernos OBMIGRA – Revista Migrações Internacionais. 2016; 2(2): Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra/article/view/25633>
30. Castro, JYC. Ahora las mujeres se mandan solas: migracion y relaciones de género em uma comunidade mexicana translacional llamada Pie de Gallo. [tese] Tese para obtenção de Doutorado na Universidad de Granada, Espanha; 2006. Disponível em <https://hera.ugr.es/tesisugr/16090998.pdf>

Artigo apresentado em março de 2020

Artigo aprovado em abril de 2020

Artigo publicado em maio de 2021